AUTODIDATA

Filhotes Fofinhos

LIVRO ILUSTRADO

FOFINHOS DE VERDADE !

CONSULTE O PREÇO COM SEU JORNALEIRO

TOTÓ

Totó é um cachorrinho levado. Adora correr pela grama, atirar-se na cama, puxar roupas do varal.

Mas Totó não faz por mal!

É que ele é tão alegre e está sempre entusiasmado, que é mesmo impossível conseguir ficar parado.

Por isso Totó não resistiu ao ver, naquela manhã, o lindo par de sapatos.

- Que sapato interessante, forrado de pano brilhante! Destes eu nunca vi. Sapato de festa eu nunca roí!

Ao chegar Dona Filó, confusão estava armada. Teve zanga, teve grito, teve até mesmo castigo. Apanhar Totó não apanha pois seus donos são amigos.

À noite, Dona Filó sai com a elegância de sempre e o sapato remendado com uma fita aderente.

- Quase que nem se vê este remendo no salto. As pessoas elegantes sempre olham para o alto! - assim pensou o Totó.

E a boa Dona Filó, não só seguiu para a festa como, antes de sair, deu-lhe um beijo bem na testa.

TOTÓ

LILI

Quem conhece Lili sabe como ela é.

Faz dengo, faz muita manha, faz beicinho e sempre ganha.

Ganha o lugar predileto do sofá almofadado. Ganha o leite mais quentinho, pois não quer leite gelado.

Ganha sempre mais carinho. Ganha beijo estalado.

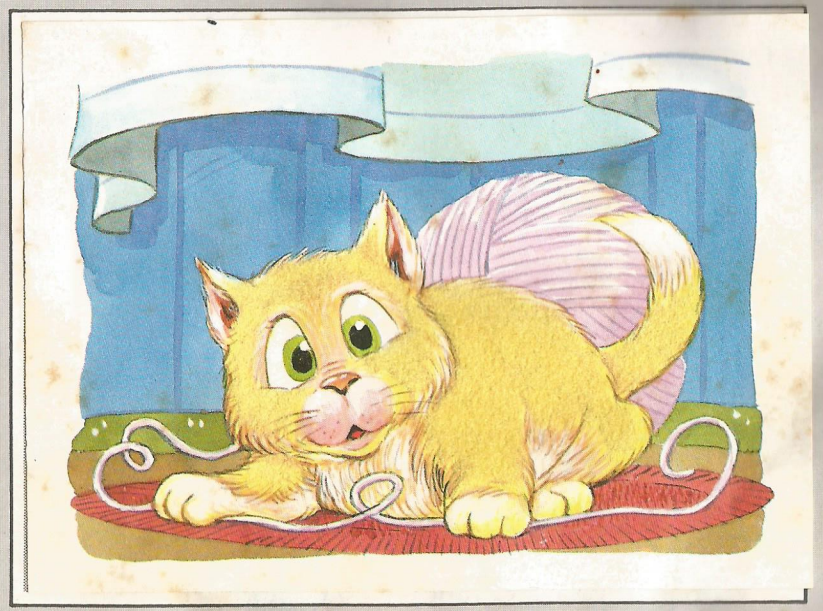
Lili sabe o que quer e nunca deixa por menos. Dá um jeito, faz trejeito, mia, mia até que vence. O mundo a ela pertence.

Pois não é que veio o inverno e ela quis um agasalho? Nem bem decidiu que queria, já foi falar com a vovó.

Lili escolheu a lã, escolheu tipo e modelo. Insistiu em que a cor combinasse com seu pelo.

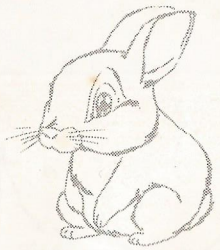
Tanto fez que conseguiu, enrolada no novelo, com que vovó entendesse qual era a cor escolhida.

Vovó caprichou no ponto, pôs pitadas de carinho e hoje Lili desfila com um lindo casaquinho.



LILI

PIF



Bastou um só encontro, um só olhar e Pif já ficou apaixonado. Realmente ela era linda! Branca, fofa, delicada.

Seu nome, Fadinha. E não é que para Pif ela era uma fada de verdade? Ele tremia gaguejava ao perguntar para ela:

Qual seu nome, sua idade, sua cor predileta? ... Era pura emoção!

O que ele não sabia é que Fadinha também estava encantada com ele.

Que porte elegante! Que conversa! Que charme! Que pelo!

Pif quis então dar um presente a Fadinha. Recusava-se a dar qualquer coisa que não fosse delicada e perfumada como ela.

- CENOURA, JAMAIS! - pensava ele.

Pif passou horas no meio do campo, pensando, sem se dar conta que o melhor presente ali estava.

Distraidamente, colheu algumas flores delicadas e fez um buquê.

Foi quando Fadinha chegou e, emocionada, agradeceu o lindo presente.

PIF

PLOC

Desde que nasceu, Ploc ouviu dizer que era um roedor e que, caso não roesse bastante, seus dentes não parariam de crescer. Então Ploc decidiu viver a roer.

Dentes de bom tamanho, Ploc roeu que roeu. Só que qualquer outra coisa, ele jamais aprendeu.

Não quis aprender a socar com a cauda muita lama. Não aprendeu a fazer diques para represar a água. Não teceu gravetos para construir abrigos.

Ploc só roía tudo o que via e tudo o que via, roía. Bem... até aquele dia em que Ploc se viu perdido bem no meio da floresta.

A noite vinha chegando, tempestade ameaçando e Ploc precisava se proteger.

Roeu então uma árvore deixando-a bem fininha e, depois de algum esforço, fez a árvore cair. Tentou também com o barro, bateu e bateu com a cauda mas abrigo que era bom não conseguiu construir.

Tudo enfim terminou bem porque Ploc foi encontrado. Hoje quer aprender tudo e é aluno aplicado. Afinal, hoje compreende que um verdadeiro castor é bem mais que simplesmente um bichinho roedor.

PLOC

DIC

Dic nasceu na fazenda. Lindo, rosado e bem comportado. Plínio, o filho do fazendeiro, não conseguia entender porque chamavam de porco um bicho tão bonitinho.

Por mais que seu pai dissesse que Dic era um porco de verdade, filho de Dona Fifi, a porca mais famosa da cidade, seu filho não entendia e tratava Dic como um cãozinho de estimação.

Comprou coleira, prato novinho, comida de cachorro e até ossinhos. Será que o menino não via como era o seu focinho?

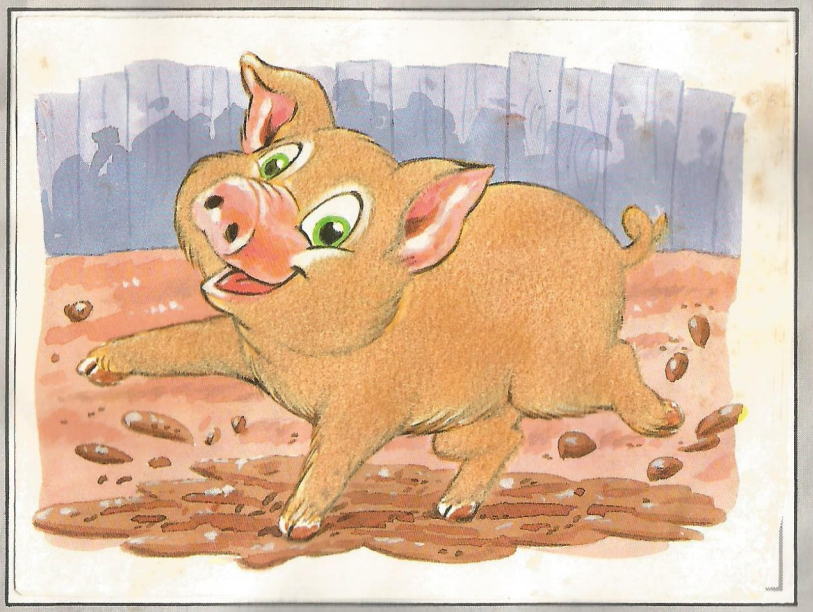
Dic de coleira não andava, a comida mal cheirava e, assim que se via na lama, se lambuzava inteirinho.

O menino, inconformado, dava banho, dava leite e prendia na coleira o porquinho novamente.

Dic passou a gostar desses tratos, o maroto, e até se acostumou com os mimos do garoto.

Agora anda por aí, de coleira, satisfeito, e não consegue entender porque não late direito.

DIC



PATI

Pati era uma patinha curiosa como toda criança. Saía por aí a fazer perguntas:

- De onde vem o sol, mamãe?

- Para onde vão as estrelas?

Eram perguntas e mais perguntas que mamãe respondia a todo instante.

Um dia, Pati, procurando novidades, conheceu Dalila, a lagarta. Dalila era muito inteligente e tornou-se sua amiga.

Elas passavam o dia inteiro conversando e investigando a natureza.

Pati, cada dia mais esperta, tornou-se ainda mais curiosa e fazia novas perguntas que a amiga, pacientemente, respondia.

- De onde vem o verde das folhas?

- E o azul do céu?

Outro dia, Pati tomou uma séria decisão e foi correndo contar para mamãe.

- Mamãe, quando crescer, eu quero ser uma respondona.

- Respondona, querida! Como assim?! - quis saber mamãe, admirada.

- Assim como você e a Dalila, que sabem responder uma porção de perguntas.

PATI

TOC

Toda vez que Toc corria, nos campos com seus amigos, vencia. Pudera! Com aquelas pernas compridas! Era até covardia.

É verdade que ao nascer as pernas incomodaram. Tão finas e inseguras. Tão bambas pra caminhar. Tão difícil equilibrar.

Agora, porém, as coisas tinham mudado.

Toc andava pelos campos, todo prosa, esticado, com um jeito bem vaidoso. Que cavalinho formoso!

E queria treinar muito, a correr, correr demais. Sonhava em ter muitos prêmios, de concurso, festivais. Virar cavalo de nome, ter muita fama e fortuna...

Queria coisa nenhuma! - pensou ele, de repente.

Pois pra ser assim famoso, cavalo de qualidade, seria preciso antes perder toda a liberdade. De acordar, ainda cedinho e de correr livremente, sem ter ninguém dando ordens para ir pra trás ou pra frente.

Custaria muito caro, caso quisesse mudar. Liberdade tem um preço que ninguém pode pagar!

TOC

LILÁ

Lilá nasceu. Peluda, felpuda, Lilá é marruda.

Nasceu avisando, já toda imponente, que das outras raposas quer ser diferente. Assiste as aulas que toda manhã mamãe tem que dar, pois toda raposa, bem cedo, cedinho, já vive sozinha e tem de caçar.

Mamãe ensina a caçar, a dar pulos e a pescar. Ensina todos os truques, ensina todas as manhas e tudo o que ela conhece sobre fazer artimanhas.

Lilá assiste estas aulas mais por obrigação, pois já disse, e ainda repete, que não viverá assim, não.

É amiga do esquilo e o ajuda nos apuros. Veja lá se sobre ele será capaz de dar pulos!

Sabe o nome dos pássaros que moram em todos os ninhos e ao invés de assustá-los, vive jogando beijinhos.

Lilá jamais enganou sua mãe, foi bem sincera. Jamais será a raposa tão malvada que ela espera.

Mamãe está conformada, muito embora não compreenda. Só pede a Lilá que ao menos do perigo se defenda.

LILÁ

LICO

Lico é um bezerro muito engraçado. Todos gostam muito dele, querem com ele brincar. Com Lico não há zangado que não pare de zangar.

Muito alegre, o bezerrinho tem um único defeito. Mente e mente bastante. Quer mentir a todo instante.

Inventou que viu um lobo bem no meio da fazenda. Os animais, muito aflitos, dispararam em correria, até que alguém percebeu que Lico se divertia.

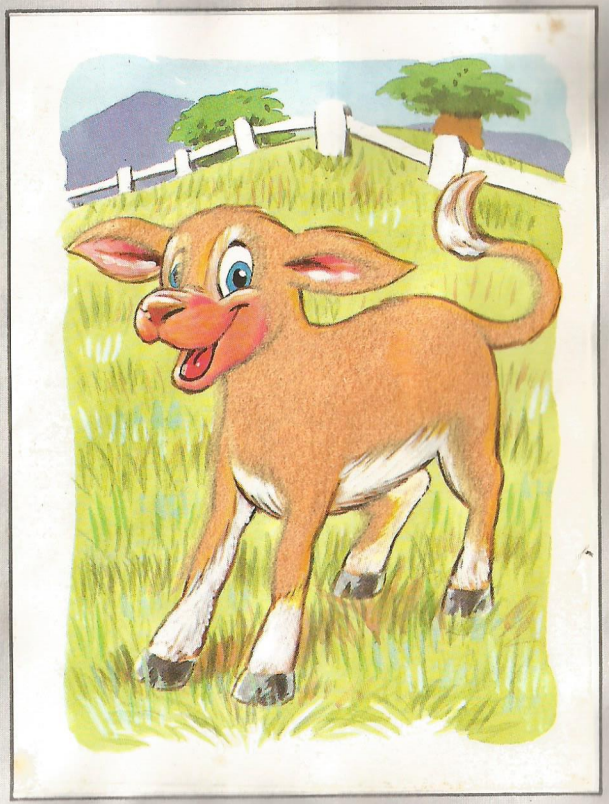
Outra vez chegou falando que uma tal tempestade, de vento e nuvem bem negra, cairia a noite inteira. Ninguém dormiu, só de medo. Até que chegou o Lico e falou, sem mais nem menos, que era tudo brincadeira.

Hoje Lico disse que viu um fogaréu lá na mata, chegando perto do pasto por causa da ventania. Gritava e ninguém ligava. Berrava e ninguém ouvia. O pior é que, desta vez, Lico já não mentia.

O fogo chegou bem perto. Foi por sorte que o gado fugiu, ligeiro e esperto.

Serviu então de lição ao bezerro mentiroso, que aprendeu que mentir pode ser bem perigoso.

LICO



POTI

Assim que o viu o menino teve medo e, encolhido num canto, demonstrando todo espanto, apontava com o dedo.

Mamãe olhou o bichinho, que também se amedrontava, e correndo se escondia. Mostrou para o garotinho que um bichinho como o hamster mal algum provocaria.

Mais tranqüilo, o menino foi perto e perto chegando e, quando viu, foi-se o medo, já estava até gostando. Deu-lhe o nome de Poti por achar que bem caía e deu também de beber e comer como devia.

O bicho logo entendeu ter sido bem recebido. Ganhou cama e agasalho como jamais possuiu e, satisfeito da vida, encolhidinho dormiu.

A amizade começou com um susto, uma surpresa, mas, rápido como brotou, cresceu que foi uma beleza.

Agora, inseparáveis, um e outro se compreendem. Falar nem mesmo é preciso, basta um olhar, um sorriso.

Amizade é assim mesmo. Brota lá no coração e, de repente, envolve dois estranhos feito irmãos.

POTI

TUTI

Dona Zezé gosta muito de Tuti mas já está ficando zangada. Será que este cabritinho precisa comer tudo que encontra pela frente? Será que não sabe a diferença entre capim e seu lindo jardim?

Tuti come rosas, come dálias, come doce de cereja. Come matinho e matão, engole o que quer que seja.

Dona Zezé então corre, dá mil voltas no quintal. Zanga, grita, explode, agita e Tuti acha tudo normal.

Pensa que é brinquedo, pega-pega, herói-bandido e, dando pulos ainda mais altos, acha muito divertido.

Dona Zezé então vendo que ele não vai parar, acaba mesmo desistindo e volta a trabalhar.

Uma criança! - todos dizem. É por isso que só brinca. Daqui a pouco será calmo e não comerá por trinta.

Dona Zezé, paciente, fica então a esperar que o danado logo cresça e que pare de pular.

Mas no fundo, bem no fundo, pra si mesma ela confessa que quer ver Tuti contente, correndo por toda a parte, fazendo todas as artes, pois pra crescer não há pressa.

TUTI

PUPO

Pupo é um burrinho que mora numa choupana. Todas as manhãs, bem cedinho, Pupo vai com seu pai entregar lenha nas fazendas.

A lenha é carregada em duas enormes sacolas de palha já velhas e os dois seguem então pela estrada de terra.

Papai não quer que ele vá, mas teimoso, ele insiste, bate o pé e fica triste, e o papai, assim com dengo, não resiste.

Pupo do papai tem pena. Parece já tão cansado, anda até meio encurvado. Parece que vai cair. Qual nada! Sempre adiante, seu papai, devagarinho percorre todo caminho. Caminho que Pupo conhece já de cor e salteado, pois fica muito atento e olha pra todos os lados.

Sabe quantos são os trechos que representam perigo. Sabe todas as moradas de todos os seus amigos. Sabe quantas são as curvas, quantos são os precipícios. Conta tudo, desde o início.

Pupo não vê a hora de dar descanso ao papai. De ganhar duas sacolas e de fazer, direitinho, este serviço todinho, tão bem como papai faz.

PUPO

FIFI

Fifi, lá no escuro buraco da árvore, tremia de medo. O que será que encontraria lá fora? Que mundo estranho veria? Quem seriam seus amigos? O que seria perigo?

Eram tantas as perguntas. Estava tão assustada. Mas quando pedia colo, mamãe ficava zangada.

Mamãe queria ir no bosque, mostrar as flores e as cores, os ninhos de passarinhos. Mostrar toda a natureza, ensinar toda a beleza que o mundo oferecia.

E Fifi, ainda assustada, só tremia.

Mas mamãe insitiu tanto que ela foi, desanimada, conhecer todas as coisas de que mamãe lhe falava. Quando viu o céu azul, ficou tão admirada, que nem conseguiu contar a emoção que lhe causava.

Amou o sol num instante. Adorou os passarinhos. Encantou-se com as flores, com os lagos, com os rios. Deixou então de ter medos e de sentir calafrios.

Agora só com o inverno bem intenso, bem danado, mamãe consegue que a filha fique quietinha ao seu lado.

FIFI

TICO

Nem bem mamãe pressentiu o perigo, já tratou de chamar todos para perto. Os pintinhos correram e se esconderam sob suas asas.

Diziam que uma raposa danada andava cercando o galinheiro e ela acabara de ouvir um ruído muito estranho.

Chamou e contou os pintinhos.

Claro! Faltava Tico, o peralta. Tão diferente dos irmãos.

Dormia quando queria, comia a qualquer hora, não obedecia ninguém.

Ele dizia que era um aventureiro, amante da liberdade. Curioso demais, isso ele era!

Enquanto mamãe se preocupava, Tico, na mata, desconhecendo o perigo, perseguia uma minhoca. Queria saber para onde ela ia com tanta pressa.

Quando ouviu o cacarejo, Tico imaginou que fosse a eterna mania de mamãe preocupar-se, apenas. Não era. A raposa rondava e Tico viu a sua sombra.

Em um segundo, o Tico aventureiro, esquecido de tudo, procurava proteção sob as asas da mamãe.

TICO

NITA

Nita era líder do grupo inteirinho de quatis. Mandava e mandava, empinava o focinho e todos seguiam suas ordens à risca, pois bem que sabiam como ela era arisca.

Se alguém duvidasse da sua esperteza, do quanto danada e astuta ela era, no mesmo segundo, brigava com o mundo e virava uma fera.

No fundo, bem lá no fundo, Nita não era má. Queria era mesmo mandar. Só mandar também não dá.

O grupo um dia cansou de tanta provocação e resolveu dar a ela uma boa lição.

Tudo o que ela mandava, eles faziam ao contrário. Se era para ir, resolviam ficar. Se era para dormir, resolviam acordar. Se era para calar, não paravam de falar.

A pobre da Nita, nervosa que era, foi virando, aos poucos, uma tremenda fera.

Brigou e brigou sozinha. A turma calada ficou. Esperneou, fez barulho. Ninguém reagiu, nem ligou.

Nita deu-se conta então dos excessos e entendeu porque já não tinha sucesso.

Quem pretende mandar e exige respeito, que primeiro respeite e dê ordens direito.

NITA

PIT

Pit não era de briga. Não queria confusão. Não amolava ninguém, nem queria amolação.

Andava com a família em pastos verdes, verdinhos. Pit não gostava mesmo era de viver sozinho.

A mamãe ia na frente e ficava muito atenta. Todos a observavam e esperavam um sinal. Correr: sinal de perigo. Andar: tudo bem, afinal.

Assim Pit vivia. Calmo, tranqüilamente, o filhotinho crescia.

Mas os animais na mata não queriam entender que toda a calma de Pit não era uma covardia. Era, sim, o jeito dele. O jeito que ele vivia.

Então alguns provocavam, queriam Pit brigando, enquanto ele, tão calmo, não estava nem ligando.

Foi no dia em que um pássaro caiu, do alto ninho, no meio da correnteza, que Pit mostrou a todos sua grande esperteza.

Enfrentando o perigo, na água Pit pulou, e usando seu focinho, o pássaro ele salvou.

Pit agora tem amigos que entendem muito bem que sua calma é apenas o jeitinho que ele tem.

PIT

DAMA

Dama era o nome da lhama que nasceu no bosque. O porquê do nome, só seu papai entendia. Ele queria que ela fosse diferente das outras, tão curiosas e abelhudas, tão feiosas e carrancudas.

Queria Dama uma dama. Não precisava ter fama. Queria um ar displicente, quem sabe até superior. Um jeito assim mais distante, desprezando os semelhantes.

O que conseguiu, no entanto, foi um pouco diferente. Dama não tinha amigos e nunca estava contente.

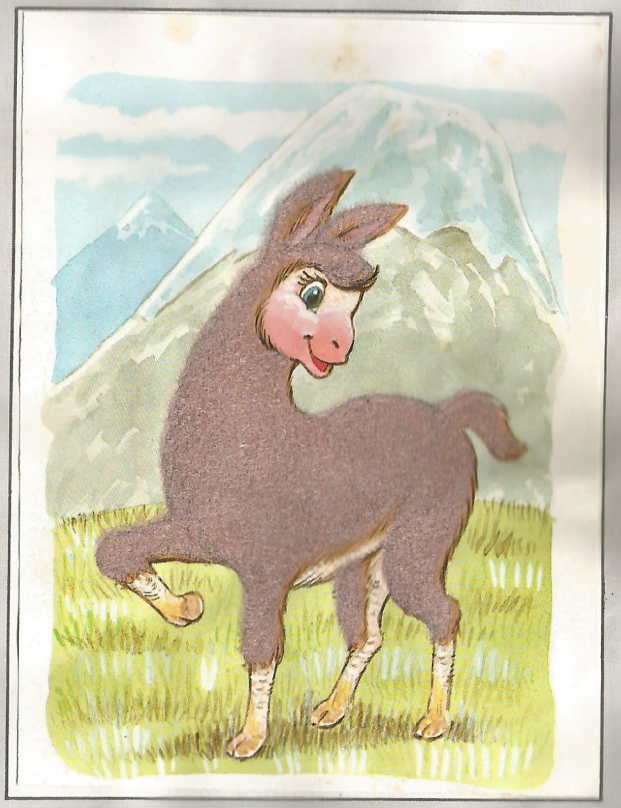
Só que Dama era uma lhama e as lhamas são muito curiosas.

Um dia, passeando solitária, Dama foi xeretar uma armadilha e... zapt, na armadilha caiu. Como Dama estava só ninguém soube, ninguém viu.

Três dias e três noites se passaram até que o assustado papai a encontrasse.

O susto valeu, pois fez papai entender que Dama não é superior e precisa ter amigos. Viver só e sem amor não faz o menor sentido.

DAMA



MEMÉ

Memé era um carneirinho muito sonhador. Sonhava sempre acordado que queria ser cantor. Imaginava um palco bem no meio da floresta, os animais aplaudindo e todos dando uma festa.

Ficava então lá no pasto, esquecido de comer, esquecido até da vida que lhe deram pra viver.

Achava aquilo tão pouco, tão pequeno, não bastava. Queria uma outra vida que aquele lugar não dava.

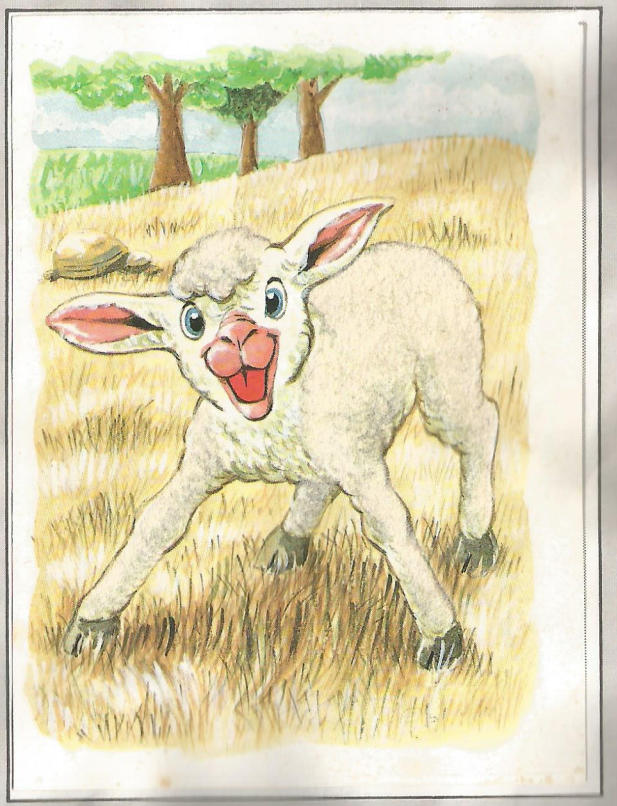
Treinava a voz escondido. Cantava, fazia mé. Achava que venceria, pois queria, tinha fé.

Sua mãe, tão preocupada com os sonhos do filhote, às vezes também sonhava em assistir de camarote.

Um dia, Memé ensaiava, escondido como sempre e, entusiasmado, cantou num tom alto, diferente. Cantou forte, tão bonito e caprichou no final, que quem ouviu achou mesmo que era um profissional.

E Memé virou, no pasto, o cantor mais aplaudido e nunca mais o deixaram treinar a voz escondido.

MEMÉ



TAP

Certa manhã, Tap acordou com uma cócega no negro focinho. Era um galho do bambuzal que alguém pendurara por ali com um bilhete que lhe desejava um feliz aniversário.

Tap, feliz pela lembrança dos amigos, logo foi procurá-los para agradecer.

Saiu pela mata chamando pela turma e sentindo a gostosa sensação de comemorar o seu primeiro aniversário.

Chamou um por um dos nomes. Chamou, chamou e repetiu. Procurou por toda a parte e nada viu.

Tap começou então a ficar muito triste. Teria que passar esse dia especial assim sozinho?

Tap equilibrou uma enorme lágrima bem na ponta do focinho.

Foi enquanto se esforçava para não cair em prantos que teve a impressão de ouvir ao longe um canto.

As vozes dos amigos faziam um coro afinado. Cantavam ''Parabéns'', traziam um bolo enfeitado.

E a lágrima tão triste que Tap equilibrou, transformou-se em alegria. Então, Tap chorou.

TAP

LÉO

Léo olhava para o pai com muito orgulho. Como era forte! Como era bonito!

Léo queria ser igual a ele. Ter uma juba enorme, um pelo macio. O mesmo andar imponente, de cabeça erguida. Aquele olhar de fera temida.

Era um olhar tão malvado que se alguém se aproximasse, já fugia apavorado.

Mas tinha um bom coração esse pai tão valentão. Às vezes era criança e rolava pela grama, fazia um pouco de agrado. Mas logo ficava sério para ser bem respeitado.

Léo tentava imitar o seu pai a todo instante. Ali sentado na relva, o olhar meio distante. Fazia cara de bravo, fingia ser bem valente. Rosnava desafinado e arreganhava os dentes.

Só juba que o Léo não tinha e não podia inventar, mas como era sabido bem podia imaginar.

E o tempo ia correndo, pai e filho na floresta, lado a lado, se entendendo. O grandão tudo ensinando e o filhotinho aprendendo.

LÉO

DADÁ

O que mais Dadá queria era ser ursa elegante. Mas por mais que ensaiasse, por mais que Dadá tentasse, cada vez mais se achava parecida com o elefante.

E para azar de Dadá, ela ainda era gulosa. Não sabia resistir a um bocado de mel.

Imagine a tristeza dessa ursinha tão vaidosa!

E por mais que a consolasse seu amigo Julião, que também nascera forte e seria bem grandão, Dadá não se conformava e queria ser magrela. Admirava, enciumada, o andar de uma gazela.

Pobre Dadá, pobrezinha. Sofria e sofria tanto. Só porque não enxergava que tinha seu próprio encanto.

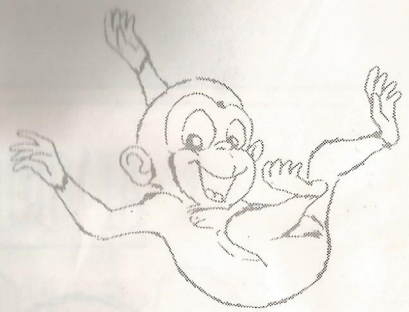
Julião então dizia:

- Ser pequeno é bem pior, acredite minha amiga. Tem que saber correr bem para fugir de uma briga. Você não, por ser fofinha, quem a vê jamais esquece. Afinal, é uma ursinha que de longe aparece.

Aparece! Eis a questão. Eis a palavra-chave! Dadá compreendeu que ser grande tinha mesmo suas vantagens. Enquanto a cigarra canta pra poder aparecer, Dadá, sem qualquer esforço, aparece sem querer.

DADÁ

CACO



Caco era um macaco esperto e ágil que vivia muito feliz no alto de uma linda árvore. Pulava de galho em galho, conversava com os amigos, estava sempre contente.

Um dia, porém, ele soube que a árvore onde vivia seria derrubada. Era preciso mudar. Triste, o macaquinho já não sabia brincar.

No dia da mudança, todos foram ajudar. Caco pegou suas coisas, que eram poucas mas queridas. Um pente já bem usado, um casaco bem antigo, um espelho já lascado, presente de um seu amigo.

Caco andava cabisbaixo com sua trouxa pequenina, quando seu primo Tião chegou trazendo a notícia. Fez tamanha agitação que até chegou a polícia.

Tinha sido proibido derrubar árvore ou arbusto. A história da mudança não passou de um grande susto.

Caco se pôs a cantar, voltou para casa pulando. Nem precisou explicar que estava comemorando.

CACO

TACO

Taco resolveu sair da bolsa onde vivia. Afinal, mamava tanto, que engordava e crescia. Resolveu ir ver o mundo por onde mamãe andava e que lá naquela bolsa ele pouco enxergava.

Pulou rápido, ligeiro para as costas da mamãe e achou que a vida era agora bem divertida. Adorava o balanço, quando mamãe andava e insistia pra que ela corresse numa descida.

Mas mamãe, com toda calma, caminhava devagar, agarrando-se nos galhos, parando pra descansar.

Taco queria emoção, uma grande aventura. Queria sair correndo, fazer alguma loucura.

Mamãe então explicou que os coalas são tranqüilos e não saem por aí pra arrumar confusão. Com isso, não são perseguidos, não têm nenhum inimigo e por serem tão bondosos, amigos têm de montão.

Hoje Taco ainda prefere uma vida agitada. Ainda quer correr pelos bosques assustando a bicharada. Mas mamãe, muito enérgica, tenta pra ele mostrar, que quem vai com muita pressa pode se machucar.

TACO

DUDA

O que Duda mais gosta é de ouvir histórias. Passa tardes inteiras ao lado do vovô Pompeu que lhe conta tudo que sabe, tudo que lembra, tudo que leu.

E Duda fica pensando como é possível e aconteça, que alguém possa guardar tanta história na cabeça.

O vovô então explica que não há nenhum mistério. É preciso que se aprenda a estar atento a tudo, a ficar sempre alerta e manter a mente aberta.

Às vezes, um só momento pode nos ensinar o que uma vida inteira não consegue explicar.

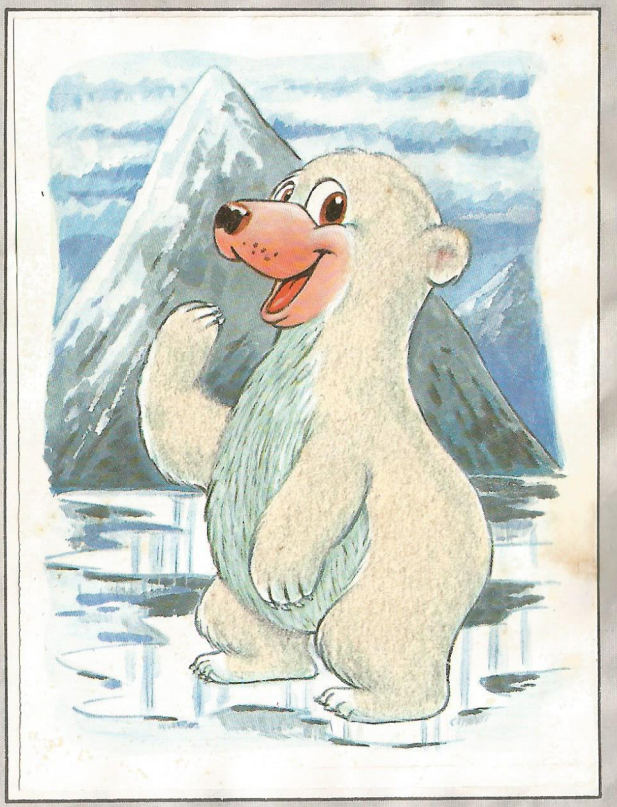
É por isso que o vovô tem histórias de montão. É a própria vida que ensina. Vovô só presta atenção.

Duda então anota tudo num caderno caprichado. Tudo o que ele vê no mundo e que o deixa emocionado.

Se o azul do céu é lindo ele corre pra anotar e já sabe de mil coisas muito lindas pra contar.

Faz isso por vocação. Faz por arte, puro amor. E afirma, convincente, que será um escritor.

DUDA



Participe do Clube dos Colecionadores da AUTODIDATA enviando carta com seu nome, idade e endereço completo para receber um diploma de sócio e, com prioridade, um álbum de nossos futuros lançamentos, inteiramente grátis, para você iniciar sua coleção.